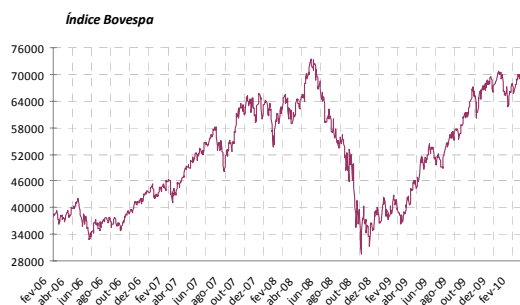
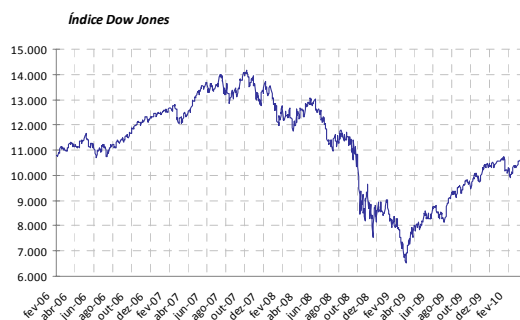


PANORAMA SEMANAL
22/ Março / 2010

Indicadores de Mercado (atualizados até 22/03 10:05)	
R\$ x Dólar	1,8116
R\$ x Euro	2,4409
Dólar x Euro	1,3472
Ibovespa Futuro %	- 0,95%
Dow Jones Futuro %	- 0,49%
US Treasury 10	3,685
Petróleo Brent 1 mês	US\$ 79,60

Inflação e Taxa de Juros	
Taxa Selic	8,75%
IPC-S 2º semana mar	0,93%
IPC-Fipe 2º quadri mar	0,51%
IGP-M 2º prévia mar	0,91%
IGP-10 março	1,10%
IPCA fevereiro	0,78%



Temas da Semana

Perspectivas da Semana 2

Drivers da Semana 3

Atividade exhibe novos sinais de
força em fevereiro 4

Índices de Inflação e Expectativas
Futuras 6

Economia Internacional 8

Calendário Econômico 10

Anexos..... 11

Principais Variáveis Econômicas.. 12

Expectativas Schahin	
IPC-Fipe 3º quadri fev	0,40%
IPC-S 3º semana mar	0,89%
IPCA-15 mar	0,49%
Taxa de Câmbio mar 10	R\$ 1,79
Taxa de Câmbio jun 10	R\$ 1,80
Taxa Selic abril 10	9,25%
Taxa Selic junho 10	9,75%

Mercado Financeiro: Perspectivas da Semana

Mantendo a tendência do encerramento da última semana, os mercados internacionais abrem a segunda-feira sob tom apreensivo, o que leva à manutenção dos sinais negativos nas bolsas e commodities. A novidade desta manhã consiste na aprovação na Câmara dos EUA do projeto de reforma do sistema de saúde, que repercute desfavoravelmente nos futuros de bolsa de NY pelo impacto adverso que pode ter sobre os papéis de empresas do setor.

Na sexta-feira, a Índia elevou a taxa de juros em 0,25 pp., sendo mais um país a iniciar a retirada dos estímulos monetários concedidos durante a crise. Esta ação levantou novamente os temores de que outros países emergentes – que têm sido o principal motor da recuperação global – comecem a apertar suas políticas, contendo parcialmente a retomada destas economias. Com isso, os preços de commodities cederam, prejudicando o comportamento da bolsa e da moeda brasileira, que possuem alta correlação com tais mercados.

No exterior, ainda se observam outros fatores de cautela. Um dos principais consiste na indefinição sobre a possível ajuda financeira à Grécia, que poderá ficar a cargo do FMI, no caso da União Européia não assumir o auxílio. Nesta semana (quinta e sexta) será realizada reunião do Conselho Europeu, onde são aguardadas novidades sobre este respeito.

Durante o final de semana, o vice-diretor geral do FMI alertou que os países ricos devem restringir o endividamento público, sob risco de reduzir o potencial de crescimento das economias. Ou seja, persiste o dilema entre manter os estímulos para sustentar a frágil recuperação, e a necessidade de retirá-los para evitar a explosão das dívidas.

Nos EUA, os indicadores recentes até tem fornecido informações mais positivas, apontando para uma moderada recuperação da atividade sem pressões inflacionárias. Porém, ainda há riscos, como a fragilidade do setor imobiliário.

No Brasil, o destaque da última semana ficou por conta da manutenção da Selic pelo Copom, em meio a apostas divididas entre a estabilidade e a elevação de 50 pontos-base. Tal divisão se estendeu até o próprio Comitê, com o placar de 5 x 3 em torno destas duas possibilidades. Diante deste importante sinal da falta de consenso entre os membros, e considerando o cenário de atividade aquecida e inflação pressionada, acreditamos que a alta da Selic será confirmada em abril. Neste momento, nosso cenário contempla um ajuste total de 250 pontos na taxa básica, que encerraria o ano em 11,25%.

A agenda da semana envolve dados econômicos de peso. No contexto doméstico, destaque para a ata do Copom (quinta), além dos números de crédito, contas externas, taxa de desemprego e índices de inflação. Nos EUA, a revisão final do PIB do 4º trimestre, pedidos de bens duráveis e vendas de casas. Por fim, na Europa serão divulgadas as prévias das pesquisas PMI da Zona do Euro e as vendas no varejo do Reino Unido.

Nos mercados, o momento é de reavaliação do cenário, em meio às incertezas que se apresentam. Desta forma, apontamos viés levemente negativo para a renda variável no curto prazo, e neutro para a taxa de câmbio, que deve seguir oscilando em torno de R\$ 1,80.

Para Ficar Atento – Drivers da Semana

- **Ata do Copom – BRA:** Após a manutenção da Selic em votação dividida, os analistas irão fazer a leitura atenta da ata da reunião, que sai nesta quinta-feira. Como reflexo da piora do cenário inflacionário, que levou 3 diretores a defenderem o aumento já no encontro de março, o BC deverá endurecer o conteúdo do texto, deixando mais claramente sinalizada a possibilidade de aumento dos juros em abril.
- **Inflação – BRA:** Os índices a serem divulgados nesta semana devem apresentar desaceleração em relação aos levantamentos anteriores, embora o movimento de queda seja amortecido pelas pressões de alta observadas nos preços dos alimentos.
- **Desemprego – BRA:** A taxa calculada pelo IBGE deve ter apresentado ligeira elevação em fevereiro. O aumento do desemprego na parte inicial do ano é normal, e responde a fatores sazonais. Porém, com o mercado de trabalho aquecido (conforme ilustrado pelos números do Caged na última semana), a taxa deste mês deve ter sido a mais baixa para um mês de fevereiro de toda a série histórica.
- **Crédito – BRA:** Nesta terça o BC anuncia a nota de crédito referente a fevereiro, cujos números devem mostrar boa evolução na comparação com o ano passado. O volume dos empréstimos voltou a crescer com maior intensidade nos meses recentes, diante da ação firme dos bancos públicos nas concessões, e da resposta dos bancos privados após a melhora das condições econômicas.
- **Atividade – EUA:** Indicadores importantes serão conhecidos ao longo da semana, como o índice de manufatura Fed Richmond, pedidos de bens duráveis, confiança do consumidor e a revisão final do PIB do 4º trimestre, com destaque para o número do consumo pessoal.
- **Setor Imobiliário – EUA:** Provavelmente o segmento mais fragilizado da economia do país, terá nesta semana os resultados das vendas de casas novas e usadas.
- **Atividade – Europa:** Nesta quarta saem as prévias de março dos índices de atividade PMI da Zona do Euro. Na quinta, as vendas do varejo do Reino Unido. Os indicadores devem manter a percepção de retomada lenta da economia européia.

Atividade exibe novos sinais de força em fevereiro

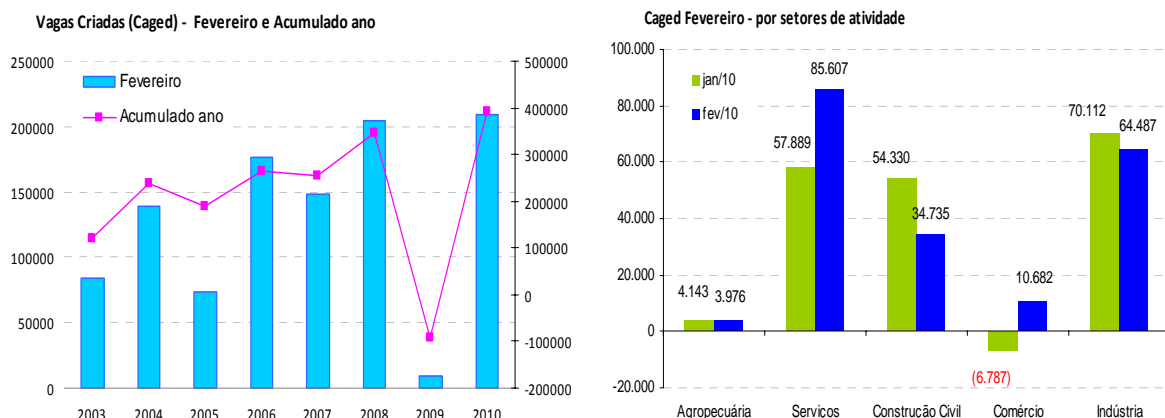
Confirmando o aquecimento da economia neste início de ano, a geração de empregos e a arrecadação tributária foram recordes para um mês de fevereiro. São sinais de que o ritmo de crescimento segue vigoroso, o que reitera a boa perspectiva para a economia neste ano, mas também cria a necessidade de medidas para evitar desequilíbrios excessivos.

Alguns indicadores recentes mantiveram a percepção de que, após o bom desempenho do PIB no 4º trimestre, a atividade econômica se mantém firme neste 1º trimestre de 2010. A arrecadação tributária voltou a exibir crescimento real ante o mesmo mês do ano passado, enquanto o mercado de trabalho segue contratando em ritmo intenso.

De acordo com o Ministério do Trabalho, foram criadas 209.425 vagas líquidas formais em fevereiro, o melhor resultado para este mês de toda a série histórica. Todos os 8 setores pesquisados apontaram saldo positivo das contratações em fevereiro, com destaque para as 85 mil vagas geradas pelo setor de serviços. A indústria também manteve o sinal de recuperação, com a criação de 64 mil empregos, embora tal número tenha sido ligeiramente inferior ao observado em janeiro (70 mil).

A acentuada alteração do comportamento do mercado de trabalho fica evidenciada na comparação dos resultados destes meses iniciais de 2010 com o observado nos mesmos períodos de 2009. Em fevereiro do ano passado, haviam sido criadas apenas 9 mil vagas, ante as 209 mil deste ano. No acumulado de janeiro e fevereiro, enquanto em 2009 houve saldo negativo de 92 mil empregos, em 2010 as contratações formais líquidas já somam 390 mil.

Ou seja, é mais um claro sinal de que o mercado de trabalho entrou em um ciclo vigoroso, o que deve se refletir também nos dados do IBGE da taxa de desemprego, que deverá exibir em 2010 a menor média histórica.

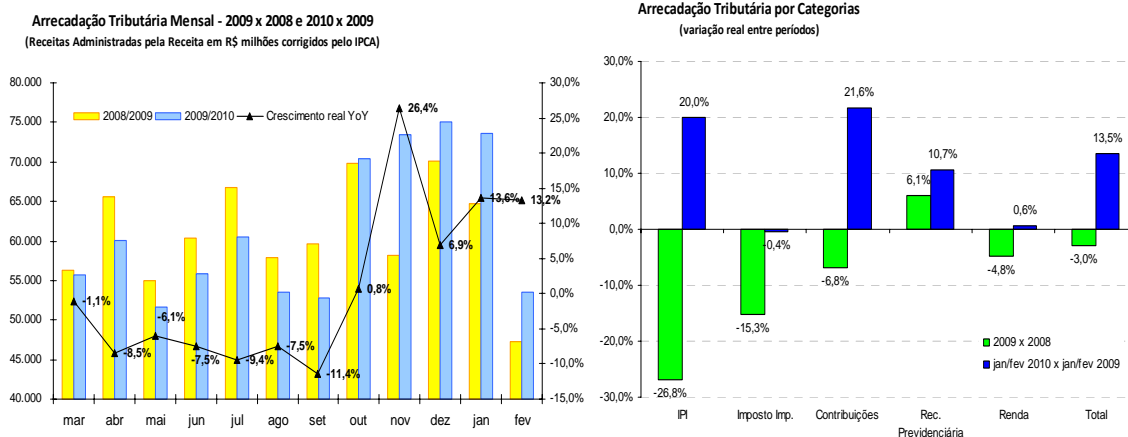


Outro importante indício de retomada da atividade econômica consistiu na continuidade da recuperação da arrecadação tributária federal, que é um bom indicador antecedente do grau de aquecimento da economia. Houve crescimento real de 12,3% no total arrecadado pela Receita, na comparação com fevereiro de 2009, quinta variação positiva consecutiva nesta base anual.

Evidente que estas bases de 2009 são frágeis, por representarem o pior momento da arrecadação, em virtude da baixa atividade do período e das isenções tributárias concedidas.

De todo modo, os números deixam poucas dúvidas quanto à melhora expressiva das receitas de impostos, reflexo da reversão destes dois fatores que impactaram no início de 2009, ou seja, aquecimento da produção e consumo, além do retorno gradual das alíquotas do IPI aos seus níveis normais.

Não por acaso, a segunda maior variação real dentre as categorias de impostos em termos anuais foi justamente observada no IPI (20%), logo abaixo do aumento de 21% das contribuições.



São números que reiteram a dinâmica benigna da atividade, reforçando a importância do mercado interno na recuperação da economia do país, considerando que o cenário global ainda está distante de ser animador.

Todavia, se por um lado os dados adicionam confiança sobre o desempenho da economia em 2010, por outro trazem preocupações sobre potenciais desequilíbrios de um crescimento acima da capacidade. A escassez de mão-de-obra qualificada já é uma realidade em diversos setores, criando pressões salariais. O consumo interno em forte expansão tem causado vigorosa elevação das importações, ampliando o déficit da conta corrente. Por fim, a aceleração da inflação para patamares incompatíveis com a meta também é um risco que precisa ser considerado.

Deste modo, medidas para conter o ritmo de aquecimento da demanda são desejáveis daqui em diante, como a retirada completa dos estímulos tributários nos bens duráveis, o aumento do esforço fiscal para o cumprimento do superávit primário e algum aperto monetário nos próximos meses. Assim, será possível manter uma boa taxa de crescimento do PIB, mais compatível com a capacidade de oferta da economia, o que garantiria a possibilidade de sustentação dos resultados positivos por um período mais longo.

Índices de Inflação e Expectativas Futuras

O choque de preços de alimentos, no atacado e no varejo, tem adicionado pressões aos principais índices nas últimas semanas. Isto tem impedido um recuo mais forte da inflação, que já não sofre mais dos efeitos pontuais das altas em educação e transportes do início do ano. Com isso, as expectativas futuras se mantêm em elevação.

A forte alta dos preços agrícolas no atacado, que já impacta intensamente os alimentos no varejo, tem impedido a reversão mais rápida da trajetória de alta recente dos índices de inflação.

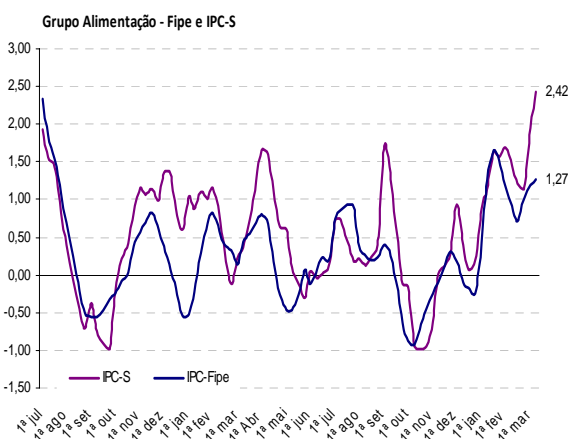
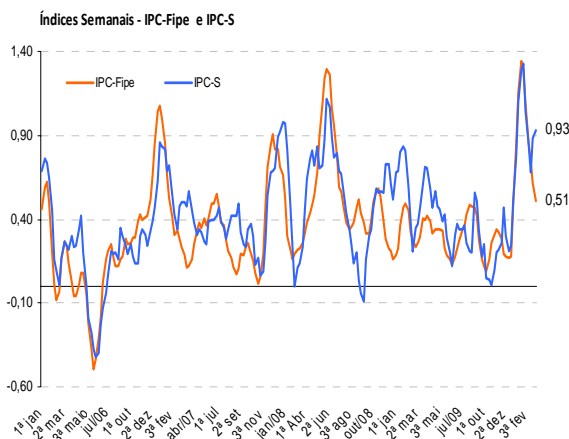
Data	Índice	Efetivo	Esperado	Anterior	
16/mar	IPC-S 2º semana Março	0,93%		0,88%	▲
17/mar	IPC-Fipe 2º quadri Março	0,51%	0,55%	0,61%	▼
18/mar	IGP-10 Março	1,10%	1,05%	1,08%	▲
22/mar	IGP-M 2º prévia Março	0,91%	0,95%	1,10%	▼

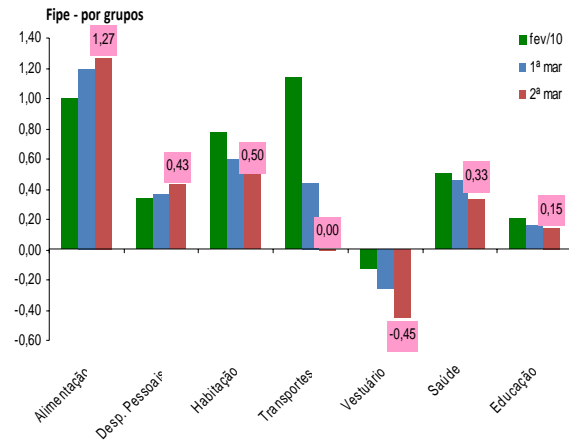
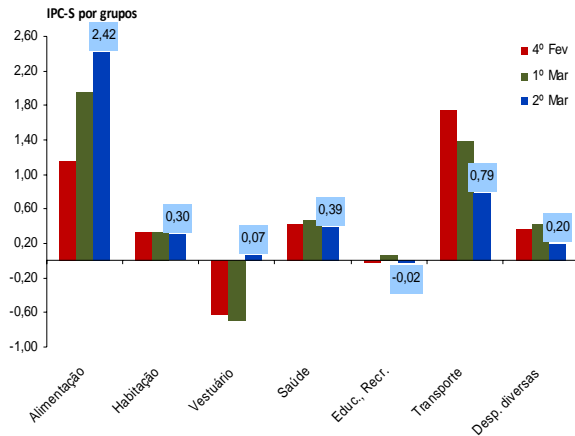
Os índices semanais estão seguindo caminhos distintos neste momento, com o IPC-S ainda mostrando aceleração na 2º semana do mês (0,93%), enquanto o IPC-Fipe recuou para 0,51% no período. O maior peso dos alimentos in-natura no IPC-S explica boa parte desta diferença: enquanto o grupo alimentação variou 2,42% neste indicador, na Fipe a alta ficou em 1,27%. Porém, em ambos foi a principal fonte de pressão dos índices

Entre os demais grupos, o comportamento tem sido mais favorável, com variações reduzidas em saúde, vestuário, habitação e educação, enquanto transportes tem desacelerado gradativamente com a reversão da alta do álcool combustível. São indícios de que, passada essa fase de intensa pressão dos alimentos, é de se esperar que a inflação retorne para patamares mais reduzidos.

Voltando a análise do grupo alimentação, os seis itens de maior elevação dos preços na Fipe foram responsáveis por 0,22 pp. do total da inflação de 0,51%, com destaque para leite longa vida e tomate. Outros produtos com variação expressiva, como açúcar e laranja, já dão sinais de desaceleração.

Alimentação	Var. %	Contribuição p.p
Leite longa vida	6,55	0,060
Tomate	24,12	0,054
Açúcar	12,97	0,039
Laranja	7,25	0,024
Ovos	5,61	0,022
Batata	7,36	0,022



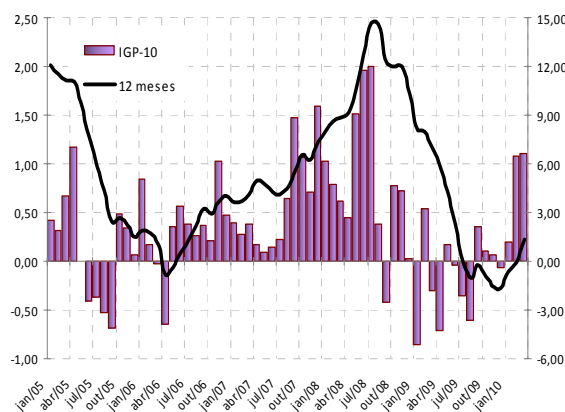


Esta tendência apontada acima também tem sido observada no comportamento dos IGP's, cujas variações se mantêm elevadas. O IGP-10 subiu 1,10% em março, praticamente o mesmo resultado do mês anterior (1,08%) e do IGP-DI também de fevereiro (1,09%). Porém, a composição do atacado tem se alterado, com desaceleração do IPA industrial, e maior alta do IPA agrícola, reforçando o movimento já registrado pela prévia do IGP-M deste mês.

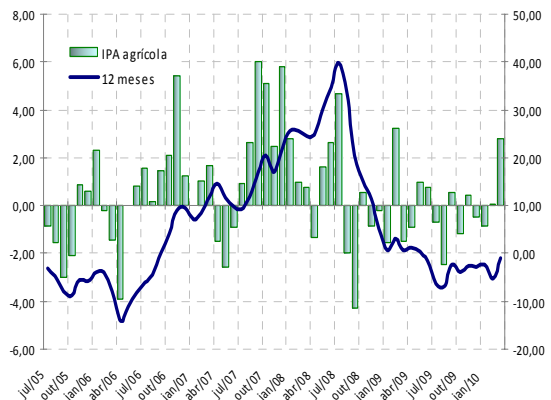
Os itens que mais contribuíram para a alta de 2,79% no IPA agrícola foram, basicamente, os mesmos que têm gerado as pressões mais fortes no varejo: laranja (40,1%), ovos (18,0%), tomate (67,8%), leite in-natura (5,0%) e cana-de-açúcar (3,2%). Por outro lado, as quedas da soja (-7,6%) e do arroz (-6,0%) compensaram parte do movimento.

A despeito das recentes variações elevadas dos índices gerais, os acumulados em 12 meses ainda se mantêm negativos (IGP-10 -0,36%, IPA agrícola -1,05%), por conta das quedas ocorridas ao longo de 2009. Neste sentido, a trajetória recente também pode ser vista como uma natural recomposição de preços, em meio a um cenário de recuperação da economia doméstica e internacional (mais notadamente a China).

IGP-10 - Mensal e acumulado 12 meses



IPA-10 Agrícola - Mensal e acumulado 12 meses



Nesta segunda-feira, a FGV anunciou a 2ª prévia do IGP-M de março, que registrou alta de 0,91%, sinalizando uma incipiente tendência de recuo destes índices para os levantamentos seguintes. Ainda nesta semana serão conhecidos o IPCA-15 de março, Fipe e IPC-S referentes à 3ª semana do mês.

Expectativas Futuras: As projeções para o IPCA de 2010 e 2011 voltaram a subir na última semana, de acordo com o Boletim Focus anunciado nesta segunda-feira. A mediana para 2010 alcançou 5,10%, enquanto que, para o próximo ano, houve elevação para 4,70% (de 4,60%).

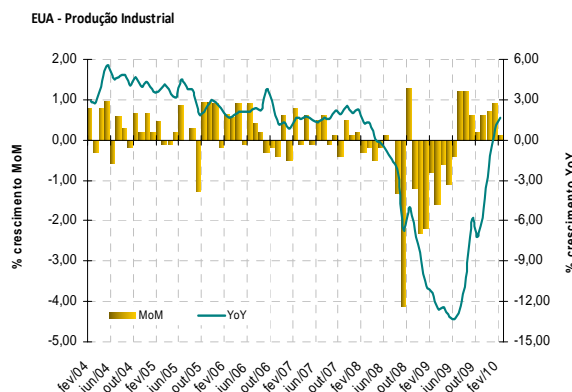
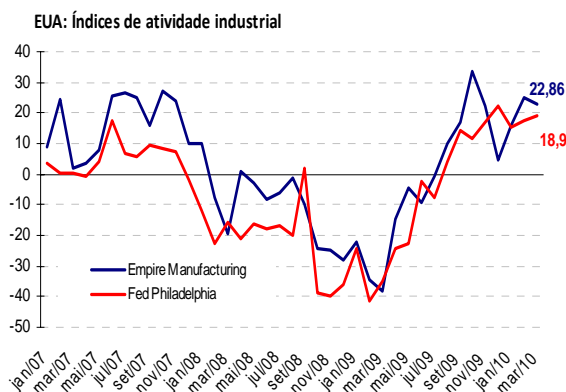
Mediana - Agregado	Expectativas de Mercado							
	2010				2011			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*
IPCA (%)	4,86	5,03	5,10	▲ (9)	4,50	4,60	4,70	▲ (2)
IGP-DI (%)	5,58	6,24	6,74	▲ (10)	4,50	4,50	4,50	= (81)
IGP-M (%)	5,30	6,38	6,50	▲ (10)	4,50	4,50	4,52	▲ (1)
IPC-Fipe (%)	5,26	5,41	5,49	▲ (3)	4,50	4,50	4,50	= (9)

Economia Internacional

Os indicadores de atividade industrial continuam exibindo uma trajetória de recuperação moderada do setor, embora o segmento imobiliário permaneça muito fragilizado. Já a inflação segue bem comportada, conforme mostrado pelo CPI e PPI em fevereiro. O statement do FOMC descreveu o cenário atual nesta linha, mantendo a percepção de que a política monetária continuará inalterada no curto prazo.

Estados Unidos: Dados recentes continuam apontando para uma recuperação moderada não inflacionária da economia norte-americana, embora o setor imobiliário se mantenha em situação preocupante.

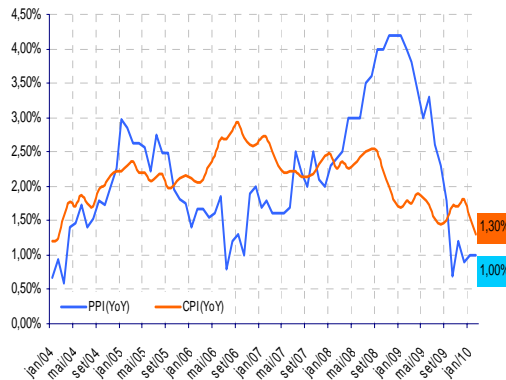
No âmbito industrial, a produção teve elevação de 0,1% em fevereiro (ante janeiro) e de 1,7% na comparação com o mesmo mês de 2009. Apesar de modesto, é o oitavo mês consecutivo de crescimento na margem. Os índices regionais Empire e Fed Philadelphia tiveram padrões distintos em março, embora ambos estejam próximos dos níveis máximos alcançados no pós- crise.



A inflação, por sua vez, continua se mostrando controlada, após os preços terem se recuperado parcialmente nos meses recentes das quedas ocorridas anteriormente. Os núcleos do PPI e do CPI estão bem comportados, com ambos registrando variação de apenas 0,1% em fevereiro, o que representa altas acumuladas de 1,0% e 1,3% nos últimos 12 meses.

Os índices cheios também vieram baixos em fevereiro, com deflação de 0,6% no PPI e estabilidade no CPI, após alguns meses de oscilações, especialmente no caso do PPI. Com isso, na comparação anual, o CPI desacelerou para 2,10%, e o PPI para 4,40%.

EUA: PPI Core e CPI Core - Variações anuais



Inflação EUA						
	Mensal			Acumulado 12 meses		
	Fevereiro	Janeiro		Fevereiro	Janeiro	
CPI	0,0%	0,2%	▼	2,1%	2,6%	▼
CPI Core	0,1%	-0,1%	▲	1,3%	1,6%	▼
PPI	-0,6%	1,4%	▼	4,4%	4,6%	▼
PPI Core	0,1%	0,3%	▼	1,0%	1,0%	↔












Por fim, o setor de construções residenciais segue agonizando, com recuo de 5,9% nas obras iniciadas em fevereiro (ante janeiro). Apesar do número anualizado estar 6,6% acima do patamar observado no mesmo período de 2009, a pequena recuperação ocorrida nos últimos meses é instável e pouco consistente.

O panorama exibido pelos indicadores acima também foi descrito de maneira sintética pelo Federal Reserve, cujo Comitê de Mercado Aberto se reuniu na última semana. De acordo com o statement do FOMC, “a atividade econômica continuou a se reforçar, com estabilização do mercado de trabalho”. Por outro lado, cita o texto, “as obras iniciadas têm permanecido em um nível deprimido”, como ilustrado pelos dados de fevereiro. Do ponto de vista inflacionário, o Fed segue apostando em inflação reduzida por algum tempo.

Sob tal cenário, o Fed manteve a citação de que “as condições econômicas provavelmente garantem a manutenção de taxas de juros excepcionalmente baixas por um longo período”. Desta forma ainda não há perspectivas de mudanças na política monetária dos EUA no curto prazo, o que pode acontecer apenas na parte final do ano.

Para esta semana, a agenda traz importantes dados de atividade, como pedidos de bens duráveis, índice Fed Richmond, revisão final do PIB do 4º trimestre e consumo pessoal. Do preocupante setor imobiliário saem as vendas de casas novas e existentes. Se mantida a tendência recente, os indicadores não devem causar surpresas significativas.

Calendário Econômico: Semana de 22 a 26 de Março 2010

			Expectativa	Anterior	Atual
Segunda Feira (22 de Março)					
		BRA: IGP-M - 2º Prévia Março (8:00)	0,93%	1,10%	0,91%
		BRA: Boletim Focus (8:30)			
		BRA: Conta Corrente - Fevereiro (10:30)	-\$ 2700 M	-\$ 3841 M	
		BRA: Investimento Estrangeiro Direto IED - Fevereiro (10:30)		\$ 789 M	
		BRA: Balança Comercial Semanal (11:00)		\$ 82 M	
<i>Vencimento Petróleo WTI Abril</i>		UE: Confiança do Consumidor - Março P (12:00)	-17	-17	
Terça Feira (23 de Março)					
		BRA: IPC-S - 3º semana Março (8:00)	0,89%	0,93%	
		BRA: IPCA 15 - Março (9:00)	0,49%	0,94%	
		BRA: Estoque de Crédito BC - Fevereiro (10:30)		\$ 1422 M	
		EUA: Vendas de Casas Existentes MoM - Fevereiro (11:00)	-1,4%	-7,2%	
		EUA: Índice de Manufatura Fed Richmond - Março (11:00)	5	2	
Quarta Feira (24 de Março)					
		BRA: Fluxo Cambial BC (12:30)			
		EUA: MBA-Solicitações de Empréstimo Hipotecários (8:00)		-1,9%	
		EUA: Pedidos de Bens Duráveis MoM - Fevereiro (9:30)	0,5%	2,6%	
		EUA: Pedidos de Bens Duráveis Ex-transp. MoM - Fevereiro (9:30)	0,6%	-1,0%	
		EUA: Vendas de Casas Novas MoM - Fevereiro (11:00)	1,9%	-11,2%	
		EUA: Estoque de Petróleo DOE (11:30)		1432 K	
		EUA: Estoque de Gasolina DOE (11:30)		-2959 K	
		UE: PMI Manufatura - Março P (6:00)	54	54,2	
		UE: PMI Composite- Março P (6:00)	53,8	53,7	
Quinta Feira (25 de Março)					
		BRA: IPC-Fipe - 3º quadri Março (7:00)	0,40%	0,51%	
		BRA: Confiança do Consumidor FGV - Março (8:00)		111	
		BRA: ATA do Copom - Março (8:30)			
		BRA: Taxa de Desemprego - Fevereiro (9:00)	7,5%	7,2%	
<i>Reunião do Conselho Europeu (1º dia)</i>		EUA: Novos pedidos seguro-desemprego (9:30)	450 M	457 M	
		GBR: Vendas no Varejo M/M - Fevereiro (06:30)	0,6%	-1,2%	
Sexta Feira (26 de Março)					
		EUA: PIB anualizado QoQ - 4T (9:30)	5,9%	5,9%	
		EUA: Consumo Pessoal - 4T (9:30)	1,7%	1,7%	
<i>Reunião do Conselho Europeu (2º dia)</i>		EUA: Confiança do Consumidor Un. Michigan - Março F (10:55)	73,0	72,5	

Índices de inflação (%)

	Fevereiro			Março	
	1p	2p	Fech	1p	2p
IGP-M	0,98	1,10	1,18	0,95	0,91
IPC-M	0,75	0,80	0,88	0,43	0,64
IPA-M	1,16	1,34	1,42	1,22	1,10

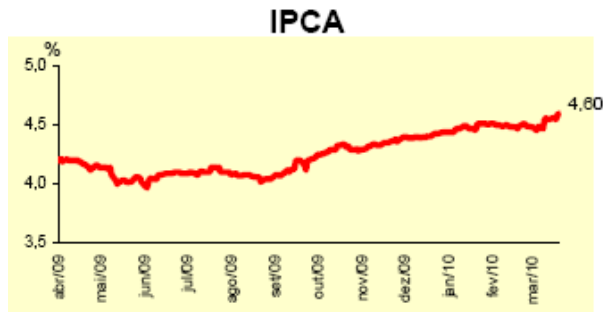
Mensais	Dezembro	Janeiro	Fevereiro
IPCA-15	0,38	0,52	0,94
IPCA	0,37	0,75	0,78

Semanais	Fev 4	Mar 1	Mar 2
IPC-S	0,68	0,88	0,93
Fipe	0,74	0,61	0,51

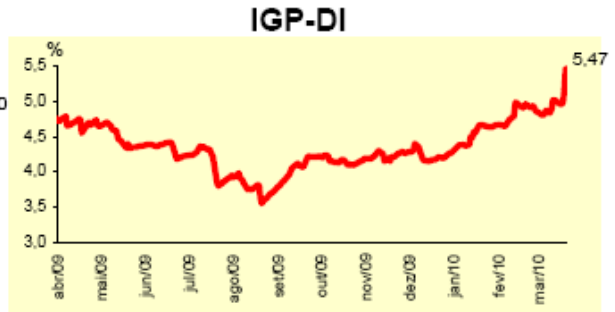
Anexos

Boletim Focus – Expectativas do Mercado em 19/março

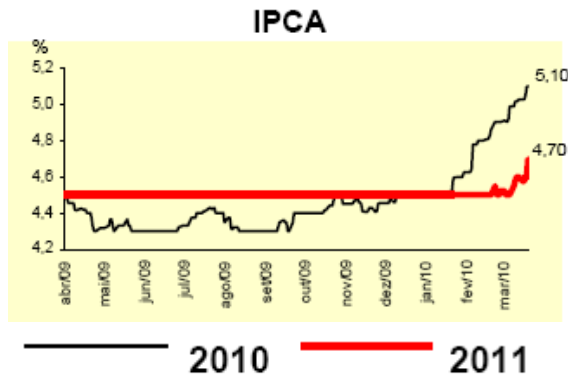
IPCA – próximos 12 meses



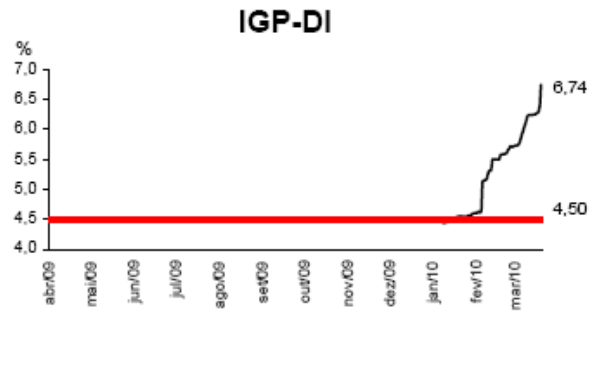
IGP-DI – próximos 12 meses



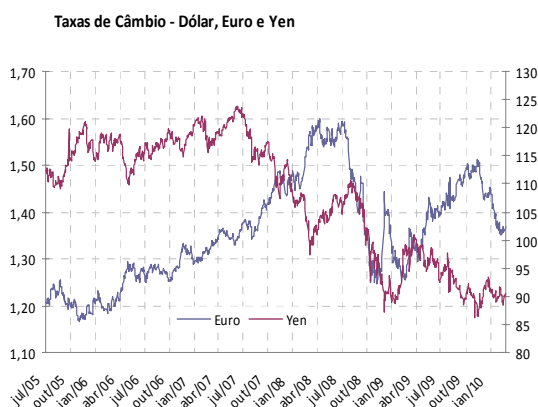
IPCA – acumulado 2010 e 2011



IGP-DI – acumulado 2010 e 2011



Taxas de Câmbio



Este é um boletim de elaboração do Departamento Econômico do Banco Schahin, cujo objetivo é apenas informativo. O Banco Schahin não assume qualquer responsabilidade por decisões de investimento tomadas com base neste relatório.

Principais Variáveis Econômicas

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Atividade Econômica								(P)
PIB (US\$ Bilhões)	553,7	664,9	882,4	1088,9	1333,8	1573,3	1579,4	1928,5
PIB (R\$ Bilhões)	1699,9	1941,4	2147,3	2369,8	2661,3	3004,8	3143,0	3432,7
Crescimento Anual do PIB (Real)								
Total	1,10%	5,70%	2,90%	3,80%	5,40%	5,10%	-0,20%	5,20%
Agropecuária	5,80%	2,30%	1,00%	4,20%	5,30%	5,80%	-5,20%	4,30%
Indústria	1,30%	7,90%	2,10%	2,90%	4,90%	4,30%	-5,50%	6,40%
Serviços	0,80%	5,00%	3,40%	3,80%	4,70%	4,80%	2,60%	4,60%
Inflação								
IPCA (IBGE)	9,30%	7,60%	5,65%	3,14%	4,46%	5,90%	4,31%	4,90%
IGP-M (FGV)	8,70%	12,42%	1,21%	3,83%	7,75%	9,81%	-1,72%	5,50%
IPC-Fipe	8,17%	6,56%	4,53%	2,40%	4,38%	6,24%	3,65%	5,10%
Setor Externo								
Exportações (US\$ Bilhões)	73,1	96,47	118,3	137,4	160,6	197,9	152,9	175,0
Importações (US\$ Bilhões)	48,3	62,78	73,5	91,4	120,6	173,2	127,6	164,0
Saldo Comercial (US\$ Bilhões)	24,8	33,7	44,8	46,07	40,04	24,7	25,3	11,0
Transações Correntes (US\$ Bilhões)	4,11	11,64	14,2	13,5	3,5	-28,3	-24,1	-44,4
Transações Correntes (% do PIB)	0,74	1,75	1,58	1,26	0,26	-1,78	-1,6	-2,5
Inv. Direto Estrangeiro (US\$ Bi)	10,1	18,16	15,2	18,7	34,6	45	25,9	37
Res. Internacionais Liq. (US\$ Bi)	20,52	27,54	53,8	85,6	180,3	207	239	250
Cotação Dólar Comercial (final per.)	2,88	2,65	2,33	2,13	1,78	2,31	1,75	1,80
Dólar Comercial Médio	3,07	2,92	2,4	2,18	1,95	1,83	1,99	1,78
Desvalorização Nominal	-18,20%	-7,98%	-12,07%	-8,59%	-16,43%	29,80%	-24,2%	2,9%
Setor Público								
Déficit nominal (% do PIB)	4,60%	2,40%	3,00%	3,00%	2,27%	1,50%	3,34%	2,2%
Resultado Primário (% do PIB)	3,89%	4,18%	4,35%	3,88%	3,98%	4,10%	2,06%	3,00%
DLSP (% do PIB)	52,4	47,0	46,4	44,9	42,8	36,0	42,9	41,7

(P) = Projeção Banco Schahin

Departamento Econômico – Banco Schahin S.A. 11- 5576-8505

Silvio Campos Neto

Economista-chefe

sneto@bancoschahin.com.br

Washington Amaral e Silva

Banco de Dados Econômicos

wasilva@bancoschahin.com.br